

# A FORÇA E A BELEZA DO SERTÃO E DO HOMEM SERTANEJO NA VISÃO DE EUCLIDES DA CUNHA E PATATIVA DO ASSARÉ

ALBUQUERQUE, Ana Paula Santos.  
[anap.nina13@gmail.com](mailto:anap.nina13@gmail.com)

JESUS, Antonia Maria Nery de.  
[Jesus.nery@hotmail.com](mailto:Jesus.nery@hotmail.com)

SILVINO, Márcia Prado.  
marciapradosilvino@hotmail.com

MATIAS, Nayra Regina Gonçalves.  
[nayrareginag@hotmail.com](mailto:nayrareginag@hotmail.com)

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> M.sc. **NUNES**, Antonia Maria  
Mestre em comunicação e semiótica pela PUC/SP, professora de Teoria Literária e  
Literaturas do Curso de Letras da Universidade Tiradentes.  
Antonia\_maria@unit.br

## RESUMO

O presente artigo tem a finalidade de analisar a forma como os autores Euclides da Cunha e Patativa do Assaré representam o sertão e o homem sertanejo em suas respectivas obras, *Os sertões* e *Cante Lá que eu canto cá*. Para tanto, dialogaremos com autores como: Darcy Ribeiro, Marco Antonio Villa, Luís da Câmara Cascudo, Durval Muniz de Albuquerque e Cláudio Henrique Sales. *Os Sertões* de Euclides da Cunha é a primeira obra significativa que se contrapõe a visão ufanista e ingênua do país, pós-romantismo. Desmistificou o pensamento sobre a formação do homem brasileiro, vigente entre as elites do período, de que somente os brancos de origem européia eram legítimos representantes da Nação. Mostrou que não existe raça branca pura, mas uma infinidade de combinações multirraciais. Patativa do Assaré Narra a saga do homem sertanejo em verso e prosa, revelando as dificuldades, o descaso e o abandono do homem do sertão. Os dois olhares, de Assaré e de Cunha, apesar de diferentes, em todos os sentidos,

complementam-se. Cunha tem o olhar do homem de ciência de seu tempo, Assaré tem o olhar humanizado do verdadeiro artista. Consegue enxergar além do que o real exhibe. Vê poesia, onde os demais só enxergam miséria.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Sertão, homem sertanejo, história e linguagem.

### **ABSTRACT**

This article aims to analyze how the author Euclides da Cunha and Patativa of Bakewell and represent the backwoods backwoodsman in their respective works, *The hinterlands* and *Sing Here I sing here*. To this end, we will dialogue with authors such as Darcy Ribeiro, Luis Camera Krab, Durval Muniz de Albuquerque Claudio Henrique and Sales. *The Hinterlands* Euclides da Cunha is the first significant work that opposes the haughty and naive vision of the country, post-romanticism. Demystified the thinking about the formation of the Brazilian man, existing between the elites of the period, that only white people of European origin were legitimate representatives of the Nation. Showed that there is no pure white, but a myriad of combinations multiracial. Patativa Bakewell tells the saga of the backwoodsman in verse and prose, revealing the difficulties, neglect and abandonment of man's interior, which surpasses all by his ability to reinvent itself. The two views of Bakewell and Cunha, although different in every way, they are complementary. Cunha has the look of the man of science of his time; Bakewell has humanized the look of the true artist. Can you see beyond what the actual displays. See poetry where others only see misery.

### **KEYWORDS**

Wild, backwoodsman, history and language.

## INTRODUÇÃO

A partir de leituras antagônicas analisaremos “o homem sertanejo” na visão de Euclides da Cunha e Patativa do Assaré. Uma é a visão cientificista do jornalista Euclides da Cunha, que vivenciou a guerra de canudos e mais tarde descreve-a em sua obra “Os Sertões”, a outra se trata de uma visão construída no decorrer de uma vida simples e constituída em meio ao povo sertanejo, com Patativa do Assaré, filho dessa terra castigada pela seca, que sofreu com a fome e miséria, mas que através de seus versos que retratam a vida do homem sertanejo conseguiu superar as adversidades e tornou-se um grande artista popular.

Para a explanação sobre o homem sertanejo na visão de Cunha, utilizaremos a obra “Os Sertões”, especificamente o capítulo “O homem”. Neste capítulo, Cunha fala da complexidade do problema etnológico do Brasil. Ele afirma que tenta esboçar os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil, esta seria efêmera e para tanto urgia ser analisada e registrada como parte da história. Cunha tenta desmistificar o modo de pensar da época, que considerava a raça branca como única representante do povo brasileiro. “*Não temos unidade de raça. Não teremos nunca.*” (CUNHA, 1998, p.76).

Para a explanação sobre o homem sertanejo na visão de Patativa do Assaré utilizaremos a obra *Cante lá que eu canto cá* e analisaremos os poemas “Eu e o sertão”, “Vida sertaneja”, “Coisas do meu sertão”.

Os escritores Euclides da Cunha e Patativa do Assaré têm visões opostas deste homem sertanejo. Primeiramente, Cunha observa o sertanejo como um indivíduo fraco devido à mestiçagem. Porém no decorrer da obra, passa a admirá-lo principalmente pelo fato desse homem sobreviver em um ambiente inóspito, hostil e isolado. Patativa descreve em sua obra poética o sertanejo como um forte lutador, que ama sua terra apesar das dificuldades e do abandono social.

Cunha inicialmente vê o sertanejo como uma sub-raça, frágil, efêmera, incapaz de sobreviver por muito tempo. Esse pensamento tem origem nas idéias de

**Darwin** que acreditava que, em toda espécie, só sobreviveriam os mais fortes (teoria da seleção natural). O pensamento de Cunha também se baseava nas idéias de **Comte** sobre o modelo positivista, em que homens esclarecidos deteriam o poder e fariam a integração dos mais fracos na sociedade. Apesar do pensamento positivista e determinista, Euclides da Cunha, aos poucos, reconhece que o mestiço, que antes considerara um fraco, pois miscigenado, revela-se num povo forte, sobrevivente das condições adversas. Desconstrói assim a idéia de raça pura.

É inevitável que para estudarmos sobre a forma como a literatura retrata o homem sertanejo, teremos que refletir sobre sua formação, entender como sua identidade foi composta e quais os caminhos que o sertanejo percorreu até aqui. Logo, podemos dizer que estudar o homem sertanejo é antes de tudo entender sua formação, sua identidade.

Temos na literatura popular de patativa do Assaré, o retrato do homem sertanejo, seus costumes e crenças, sua vida sofrida e simples, a partir de sua própria vivência. Por outro lado, os livros de história mostram o caminho percorrido pelo homem sertanejo até os dias de hoje, apresenta sua formação. Acerca da formação do povo brasileiro:

Nessa confluência, que se dá sob a regência dos portugueses, matrizes raciais díspares, tradições culturais distintas, formações sociais defasadas se enfrentam e se fundem para dar lugar a um povo novo, num novo modelo de estruturação societária. (RIBEIRO,2006, p.17)

De acordo com o referido texto, dessa dinâmica de povos misturados, portugueses, índios e negros escravizados, surge uma nova etnia nacional, um povo novo que se diferencia do seu colonizador. O povo brasileiro apesar de formar uma nova unidade, não forma uma raça pura, o que explica a grande mistura cultural, com festejos marcadamente europeus em alguns estados e em outros com ritos e festas marcadamente africanizados. Segundo Ribeiro (2006), três forças distintas atuaram na diversificação do povo brasileiro: A ecológica, a econômica e a

imigração. Dessa maneira, podemos entender que os tipos compostos por esses caminhos nos permitem distinguir as várias formas de ser dos brasileiros, entre eles os sertanejos do nordeste. Para essa consideração, a parte ecológica é entendida como um importante fator da formação do sertanejo, uma vez que a vivência em um meio considerado difícil, devido a poucas chuvas, exigiu desse homem uma difícil adaptação. Mesmo diante dessas condições de sobrevivência, o sertanejo sabe onde encontrar seu alimento, na vegetação retorcida pelo calor, sabe qual a planta que lhe serve para dela tirar o sustento. Segundo Villa (2001, p.17), mesmo antes da chegada dos portugueses ao Brasil, era aceitável que os povos indígenas se movimentassem espacialmente por causa dos grandes períodos de estiagem e da severidade das secas no interior do sertão, procurando e disputando terras com abundância de água.

A gênese do homem sertanejo deve considerar o contato entre índios e o homem europeu. A história relata que os índios sofreram tentativas de escravização por parte do colonizador. Muitos dos que resistiram se deslocaram para regiões distantes e isoladas, cada vez mais afastadas do litoral e dessa forma originaram novos grupos e comunidades. Mas os que se submetiam aos trabalhos forçados acabaram por morrer decorrente do contato com as epidemias trazidas pelos europeus. É importante salientar que em decorrência das secas, muitas comunidades indígenas, para não morrer de fome, se sujeitavam aos conquistadores em troca de comida. A região sertaneja não interessava aos colonizadores, visto não haver notícias de riquezas que agregassem valor comercial para a colônia. Por isso, durante muito tempo o predomínio português se concentrou em uma estreita faixa litorânea. Somente durante o século XVII com a invasão holandesa, o sertão nordestino começou a ser ocupado pela pecuária. Esse esquema econômico formou um tipo característico de população: a sertaneja. É esse homem sertanejo, dado ao pastoreio e isolado por essa atividade econômica, que surge no cenário nordestino.

Inicialmente como vaqueiro e pastor, o sertanejo percorre terras e disputa territórios pertencentes aos índios, visando à manutenção do gado dos grandes sesmeiros. Dessa forma, esses pastores procuravam por nascentes de água para o

mantimento do gado. Faz-se necessário entender que, as sesmarias eram terras que pertenciam à Monarquia Portuguesa e eram doadas às pessoas que se comprometiam a povoá-las. De acordo com Ribeiro (2006), esses núcleos familiares plantavam para sua subsistência e tiravam do próprio gado o que precisavam para viver. Sua estrutura familiar e estilo de vida peculiar comprovam a íntima ligação do homem sertanejo com sua terra sofrida e com seu trabalho causticante. Constata-se que, de alguma forma, sucedeu também uma mistura entre vaqueiros e índios, que resultou na imensa massa sertaneja que hoje conhecemos. A respeito da miscigenação entre vaqueiros e índios observa-se:

É inevitável admitir que, roubando mulheres ou acolhendo índios nos criatórios, o fenótipo típico dos povos indígenas originais daqueles sertões se imprimiu na vaquejada e nos nordestinos em geral. (RIBEIRO, 2006, p.310)

As vaquejadas aconteciam como forma de sociabilizar os grupos que nasceram em torno dos grandes currais. Era uma maneira de as comunidades cooperarem entre si no manejo com o gado. Muitas dessas vaquejadas se transformaram em festas regionais. As celebrações aos santos padroeiros também eram realizadas nas poucas capelas de cemitérios existentes pelo sertão, o que prova até os dias de hoje o grande apelo religioso embutido no homem sertanejo, crenças e superstições, que não são originalmente suas, mas herdadas tanto dos seus colonizadores bem como dos demais povos colonizados.

O homem do sertão exposto às difíceis condições climáticas, grandes períodos de seca e uma alimentação deficiente, acabou se tornando de baixa estatura e raquítico, assim como seu objeto de trabalho: o gado. Foi a partir de uma marcha incansável para o sertão brasileiro, à procura de pastagens e água para a boiada, que muitas vilas e cidades surgiram. Dessa forma, bois e pessoas multiplicavam-se em torno dessa região complexa chamada sertão. De acordo com Cascudo (1934, p. 29), o sertanejo permaneceu durante muito tempo isolado do litoral onde acontecia o processamento da cultura e o desenvolvimento intelectual.

Dessa forma, conservou traços próprios como: vestimenta típica, vocabulário teimoso, sensibilidade para com o trabalho realizado pelas próprias mãos. Em “Viajando o sertão”, esse discurso de cascudo revela um olhar diferenciado do sertanejo sobre as coisas do sertão, principalmente sobre a natureza. Cascudo (1934, p.31) a respeito do sertanejo mostra que: “*A noção de beleza para ele é a utilidade, o rendimento imediato, pronto e apto a transformar-se em função.*” No entanto, ao estudarmos os poemas de Patativa do Assaré, observa-se que ele, embora sendo sertanejo, com sua alma poética foi capaz de enxergar belezas no sertão.

A literatura popular, como o cordel e o repente, é comum ao homem do sertão, que sempre ouviu seus mitos serem contados em rodas à beira de uma fogueira. Essa modalidade, de acordo com Cascudo (2006, p. 25) é bem mais velha que a literatura chamada oficial e subsiste sendo cantada, falada, representada no meio do povo. É assim que se apresenta a literatura oral sertaneja. Um dos representantes desta literatura oral é o poeta Patativa do Assaré, o qual faz parte do nosso objeto de estudo.

Patativa do Assaré foi batizado com o nome de Antonio Gonçalves da Silva. Ele nasceu no Ceará, no Sítio denominado de Serra de Santana, numa distância de três léguas da cidade do Assaré. Era filho de Pedro Gonçalves da Silva e de Maria Pereira da Silva. Ficou órfão de pai aos oito anos de idade e desde cedo teve que trabalhar na lavoura para o sustento da família. Apesar de ter frequentado a escola, apenas durante quatro meses, o mesmo já saiu lendo. Foi um homem encantado pela poesia desde criança; entre 13 e 14 anos já ensaiava alguns versos. Aos 20 anos teve a oportunidade de ir ao estado do Pará, por convite de um parente seu, e a partir deste momento a sua poesia alçou vôo.

Patativa dedicou sua vida à produção de cultura popular voltada para o povo marginalizado e oprimido do sertão nordestino. Com uma linguagem simples, porém poética, destacou-se como compositor, improvisador e poeta. Produziu também literatura de cordel, porém nunca se considerou um cordelista.

A oralidade e a rima são características da poesia de Patativa. O cantador do sertão fez uso da poesia popular para pensar a vivência do homem sertanejo. Sua obra destaca bem as crenças, festas, trabalho e cultura do seu povo. Expressa a vivência de uma coletividade da qual ele fazia parte. Muitas de suas poesias retratam a vida sofrida e o trabalho desgastante no sertão, outras cantam as festas e a beleza de viver em um lugar ao mesmo tempo rico e pobre.

Conforme expressa Carvalho (2002) “Patativa do Assaré foi uma espécie de intérprete do sonho, utopia, esperança e sofrimento do homem sertanejo, das coisas da natureza, o cotidiano do trabalho e das relações sociais, ele afinou o seu canto nesta perspectiva.” O sertão e o sertanejo estão presentes em todos os poemas de Patativa. É como se um não existisse sem o outro. O sertão formou o sertanejo e este traz em si as marcas desta terra. Ao ler a poesia de Patativa pode-se imaginá-lo declamando com orgulho a sua terra natal: “*Sertão, argúem te cantô,/ Eu sempre tenho cantado /E ainda cantando tô, //Pruquê, meu torrão amado, /Munto te prezo, te quero/E vejo qui os teus mistero/Ninguém sabe decifrá.*” (ASSARÉ,1992, p.21).

Uma das características da poesia de Patativa é a utilização da linguagem coloquial do povo sertanejo, o seu dia a dia, suas expressões, seu jeito simples, como uma forma de tornar mais viva a sua poesia (Ex. canto, argúem to, pruçê, torrão, munto, mistero...). No verso acima há predomínio da função emotiva, nele o “eu lírico” expressa os sentimentos de amor e admiração que nutre pelo ambiente em que vive. O sertão para ele não é algo desencantado, ressequido, sem vida, ao contrário o sertão é cheio de mistério que poucos sabem desvendar. Patativa, ao longo dos quinze versos do poema “Eu e o Sertão”, vai descrevendo este mistério: A beleza do sertão; o cantar dos pássaros; o sol que dá saúde; a lua que banha a terra com chuva de prata; as danças folclóricas, o bumba meu Boi, a beleza natural do sertão, o corajoso Cabra Macho... É este o sertão que encanta e inspira o poeta e este o sertão que formou a sua gente: *Sertão do Bumba Meu Boi/ E da armonca de oito baxo,/O teu fio sempre foi/ Corajoso, Cabra Macho;/ O tempo nunca destrói/ A fama do teu herói/ De pernêra e de gibão,/ Caboco que não resinga/ Corrê dentro da catinga,/Na pega do barbatão.* (ASSARÉ,1992,p.22)

Mas afinal quem este “Cabra Macho” que vive nestas terras secas, neste torrão amado? Quais as características deste homem que consegue sobreviver aos reveses do tempo? Como afirma Almeida (2009, p. 6), *“este homem sertanejo está de tal forma, ligado à geografia do local como se fosse parte dele, uma integração ou uma fusão”*.

Ao analisar os poemas de Patativa pode-se constatar de que ele vai pouco a pouco descrevendo a identidade do homem sertanejo, seus traços físicos, psicológicos e espirituais. Sendo Patativa um vivente do sertão, ele insufla no sujeito dos seus poemas sentimentos e conhecimentos nutridos em sua experiência de vida. Segundo Andrade (2008) Patativa vai colher seus temas nas fontes desta vida, nas relações sociais e nas suas circunstâncias do dia a dia. Eis um verso deste poema : *“Eu canto o sertão querido,/ A fonte dos meus poema,/ Onde se iscuta o tinido/ Do grito da sariema/ E onde o sertanejo véio/ Observa o Evangéio/ E nas noite de luá,/ Surrindo, alegre e ditoso,/ Conta istora de Trancoso/ Para o seu neto iscutá.* (ASSARÉ,1992,p.76).

No poema Vida Sertaneja percebe-se que o narrador assume a posição de fotógrafo ou mesmo uma posição de repórter e dessa forma vai descrevendo o retrato da vida do homem sertanejo. Apesar de usar o pronome na 1ª pessoa do singular, o eu lírico assume a voz do coletivo, pois ele expressa a vida do povo sertanejo, a comunidade dos viventes, à qual também o poeta faz parte. Nas características físicas deste homem, Patativa destaca na primeira estrofe do poema “Vida Sertaneja”: as mãos calejadas, a pele bronzeada; reflexos da vida sofrida e do clima causticante. Este homem sertanejo tem as marcas do sofrimento na pele e mesmo diante desta realidade não esmorece, não desiste de viver, é um povo alegre que trabalha com prazer: *“Canto a vida desta gente/Que trabaia inté morrê/Surrindo, alegre e contente/Sem dá fé no padecê...”* (ASSARÉ,1992,p.75).

Na quarta estrofe deste poema a descrição feita deste caboclo sertanejo é a força, coragem que tem para enfrentar o touro valente e raivoso. Como afirma Andrade (2008, p. 187) “força, coragem e valor moral são atributos postos em destaque e que realçam mais ainda por viverem ao lado da falta de instrução e da

desventura que afligem esses cidadãos”. Este homem precisava ser forte se quisesse sobreviver naquela realidade sofrida.

Patativa, como testemunha dos fatos, revela que o sertanejo não precisava de muita coisa para sentir-se feliz. Celebrar as festas juninas, participar dos eventos religiosos, ter uma mulher, filhos e comida na mesa eram bastante para não cobiçar a vida de ninguém: *“É assim na sua peleja,/ Com a famia que tem,/ Não inveja nem deseja/ O gozo de seu ninguém.”* (ASSARÉ,1992, p.77). Segundo Andrade (2008) Patativa era consciente da situação precária em que o povo do sertão vive, mas este povo enfrenta com coragem essa precariedade e carências sem entregar-se ao desânimo e sem renunciar à alegria de viver.

Patativa também descreve alguns aspectos negativos deste homem sertanejo. Ele vive longe da civilização e do conhecimento, por isso sem grandes aspirações; chega a ser um tanto ingênuo, pois apesar de perceber as desigualdades sociais que existem, continua a acreditar que as conseqüências desta realidade são vontade divina. Pode-se constatar isto na nona e décima primeira estrofes.

O que parece ingenuidade, Andrade acredita ser o modo de sobrevivência que o homem sertanejo encontrou, uma forma de auto-defesa frente à dureza do seu cotidiano.

Como resultado de uma experiência depurada em séculos de convívio com estas condições, o homem aprendeu a sobreviver a custa da disciplina que se expressa em conter a ambição e os sonhos nos limites das possibilidades, o que poderá parecer conformismo, mas é senso de realidade. (ANDRADE,2008, p.188)

Patativa ao cantar a vida desta gente, de certa forma quer denunciar o descaso e abandono em que vive esta parte do Brasil. O poeta critica em seus versos as atitudes das autoridades que só os reconhecem no tempo de eleições, quando precisavam de seus votos: *Quando aparece um sujeito, De gravata e palito,/ Todo alegre e sastifeito,/Como quem caça xodó,/O matuto experiente/ Repara pra*

*sua gente/ E, sem tê medo de errá,/ “Ele vem cobrá imposto: ou pedi pra nós votá (ASSARÉ, 1992, p.78).*

Este é o rosto do homem sertanejo que Patativa construiu ao longo dos seus poemas; um ser comum, porém que se destaca pela sua bravura, tenacidade, religiosidade e amor à sua terra natal.

Por outro lado, Euclides da Cunha, que não era sertanejo, nem viveu por estas paragens, só pôde falar a partir do pouco que viu quando esteve em Canudos para escrever sobre esse sangrento episódio da história desse país. De outra forma, Cunha constrói o seu olhar sobre o sertão e o homem sertanejo através do muito que leu e pesquisou para a produção de sua grande obra *Os Sertões*(1902) e através dessa obra ficou conhecido internacionalmente. Euclides da Cunha foi jornalista, escritor, professor, sociólogo e engenheiro. Além de *Os Sertões* escreveu também *Contrastes e Confrontos* (1907), *Peru versus Bolívia* (1907), *À margem da história* (1909) póstuma, entre outros.

Na visão de Euclides da Cunha o Homem Sertanejo é retratado de forma científica, na qual se destaca a influência que o meio tem na formação de uma raça, ou cultura, crenças e costumes de um povo. Cunha teve como influência os estudos de Darwin, Spencer e Comte, que estudavam o comportamento humano, em destaque o estudo publicado por Darwin intitulado *A origem das espécies*, no qual ele defende a raça pura, ou originalidade de uma raça, em que diz que o homem é produto do meio e sua índole possui uma pré-disposição para a vida em determinado ambiente.

Euclides da Cunha era positivista como seu mestre Benjamin Constant, anti-monarquista e abolicionista. Cunha tinha uma visão progressista da história, foi repórter do jornal *O Estado de São Paulo*, como tal acompanhou a luta de Canudos em 1897. A obra “*Os Sertões*” está dividida em três capítulos: I- A Terra: nele o autor analisa o condicionamento geográfico; II – O Homem: procura descrever física e psicologicamente o sertanejo e III- A luta: neste último narra as quatro expedições do governo contra Canudos.

“*Os sertões*” é classificado como Pré-Modernista, fase na qual os escritores voltam-se para a valorização das tradições do interior do país. A obra de Cunha é

considerada um clássico e foi a partir de sua publicação que o sertão nordestino passou a ser conhecido. Nessa obra, Cunha inicialmente vê a Guerra de Canudos com a mesma visão unilateral que todos viam.

Para Cunha, em se tratando de sertão, tudo é extremo, principalmente o clima, esse que se divide em dois períodos, o da estiagem (a seca) que é o período mais duro e longo, e o período das chuvas que é rápido, mas causa grande impacto a famílias sertanejas.

A seca traz consigo altas temperaturas que chegam a rachar a terra que dura e seca, devido à falta de chuva, não supri as necessidades da população que tem como meio sustentável as plantações, roçados, e a criação de gado. Para sobreviver em meio a esse caos o homem reparte o que tem, até mesmo a pouca água dos açudes já suja pelos animais.

A chuva chega devagar, sem mudar a paisagem solar do céu límpido e sem nuvens, mas aos poucos vai dando lugar a nuvens negrejantes que crescem juntamente com a pressão da chuva e a velocidade dos ventos. A temperatura cai e surgem os tufões, relâmpagos e trovões, então o aguaceiro enche as nascentes e tudo a seu redor. É assim que Euclides descreve a chegada e a partida da chuva no sertão, que leva um pouco de alegria e esperança ao povo sertanejo.

E uma hora depois o sol irradia triunfante no céu puríssimo! A passarada irrequieta descanta pelas frondes gotejantes; suavizam os ares virações suaves — e o homem, deixando os refúgios a que se acolhera trêmulo, contempla os estragos entre a revivência universal da vida. (CUNHA, 2002, p.109)

O calor é tão forte que com a chegada de uma nuvem de chuva a destruição é inevitável. Árvores são derrubadas e retorcidas por raios em meio à ventania que arrasa telhados e casas. Dias depois a temperatura volta a subir e o homem fica esperando que a terra brote e ressurgja a vida na paisagem.

Ao calor e à luz, que se exercitam em ambas, adicionam-se, então, a disposição da terra, as modalidades do clima e essa ação de presença inegável, essa espécie de força catalítica misteriosa que difundem os vários aspectos da natureza... distribuíram, como o indica a história, de modo diverso as nossas camadas étnicas, originando uma mestiçagem dissímil.(CUNHA, 2002, p. 120)

Ou seja, a forma e a intensidade com que o meio se apresenta em determinada população resulta em reações químicas na matéria causando assim diferenças entre os povos, o que o autor chama de raça e sub-raça. As diferenças entre os povos do norte e sul do Brasil são encaradas na obra como circunstâncias históricas advinda das circunstâncias físicas, o que estabelece as diferenças das raças até os dias atuais.

O grande rio São Francisco, que banha todo o nordeste também é destaque em “Os Sertões”, foi ele o responsável por ligar com duas únicas entradas, a nascente e a foz, os homens do sul aos homens do norte servindo de unificador de raças. Era dele também retirado o sustento e assim a sobrevivência de todos que povoavam os arredores.

Nesse contexto desponta a raça sertaneja, essa oriunda da forte mescla de raças que juntas originaram uma raça forte e de características bem definidas.

Caldeadas a índole aventureira do colono e a impulsividade do indígena, tiveram, ulteriormente, o cultivo do próprio meio que lhes propiciou, pelo insulamento, a conservação dos atributos e hábitos avoengos, ligeiramente modificados apenas consoante as novas exigências da vida. — E ali estão com as suas vestes características, os seus hábitos antigos, o seu estranho aferro às tradições mais remotas, o seu sentimento religioso levado até ao fanatismo, e o seu exagerado ponto de honra, e o seu folclore belíssimo de rimas de três séculos...(CUNHA, 2002, p.134)

O olhar de Euclides da Cunha, influenciado pelo cientificismo predominante naqueles tempos, é carregado de preconceito e de uma falsa imagem que se desenhou sobre o povo que teve a sua formação a partir da mistura de raças. Era comum se pensar que a miscigenação resultaria numa sub-raça, inferior à raça considerada pura, que era o branco europeu e colonizador. Essa visão pode ser

verificada em todo o livro através das características que autor atribuiu ao sertanejo tanto pelo aspecto físico como pelo aspecto psicológico.

(...) o homem do sertão parece feito por um molde único, revelando quase os mesmos caracteres físicos, a mesma tez, variando brevemente do mameluco bronzeado ao cafuz trigueiro; cabelo corredio e duro e levemente ondulado; a mesma envergadura atlética, e os mesmos caracteres morais traduzindo-se nas mesmas superstições, nos mesmos vícios, e nas mesmas virtudes.

A uniformidade, sob estes vários aspectos, é impressionadora. O sertanejo do norte é, inegavelmente, o tipo de uma subcategoria étnica já constituída (CUNHA, 1998, p.96).

Essas idéias presentes no decorrer do discurso de Cunha são frutos do momento histórico pelo qual a sociedade da época estava passando, não só pela passagem da monarquia para república, mas também pelas descobertas científicas acerca da raça humana através das idéias positivista, evolucionista e determinista com as quais entrou em contato na escola militar em que estudou.

Na obra há várias passagens que comprovam a influência dessas teorias (já estabelecidas pela influência de países da Europa e os Estados Unidos) que defendiam a existência ariana, sendo essa a única capaz de progredir distinguindo-a assim das demais raças que sofreram algum tipo de miscigenação, as chamadas sub-raças.

Assim, esta se desenvolveu fora do influxo de outros elementos. E entregues à vida pastoril, a que por índole se afeiçoavam, os curibocas ou cafuzos trigueiros, antecedentes diretos dos vaqueiros atuais, divorciados inteiramente das gentes do sul e da colonização intensa do litoral, envolveram, adquirindo uma fisionomia original. Como que se criaram num país diverso. (CUNHA, 1998, p.138)

Nessa passagem é possível verificar a influência da teoria darwinista, que diz que o homem é produto do meio. Essa teoria é também fruto de um preconceito muito antigo oriundo de países europeus que por convenção, espalhou-se por todo o

mundo e que, por ser tão forte permanece até os dias atuais. Constata-se o caso das novelas que fazem uma caricatura do sertanejo como um forte, lutador, mas que não tem estudo, tratando-os como caipiras e conseqüentemente como raça inferior, é esse preconceito racial que se evidencia ao longo da obra euclidiana.

Cunha, embora reconhecesse que não existia unidade de raça, acreditava que a mistura de raças diferentes era prejudicial.

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. (CUNHA, 1998, p.96)

Nesta afirmação acima, extraída do sub-capítulo “Um parêntese irritante”, Cunha expressa claramente que compactua com as teorias raciais de sua época e reafirma que é prejudicial a constante mestiçagem, porque pode trazer elementos de uma raça pura, degradando-os com os elementos de uma raça que está em estágio menor. No entanto Cunha admite em outro momento que desta miscigenação formou o sertanejo; uma raça forte, devido ao isolamento do deserto, o que fez com que a mestiçagem fosse uniforme.

Porque ali ficaram, inteiramente divorciados do resto do Brasil e do mundo, murados a leste pela Serra Geral, tolhidos no ocidente pelos amplos campos gerais, que desatam para o Piauí e que ainda hoje o sertanejo acredita sem fins. (CUNHA,1998,p.91)

O autor acredita que o isolamento fortaleceu a raça, porém quanto ao modo de ser, de agir, de pensar esse distanciamento provocou atraso e conservadorismo a este povo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os *sertões* de Euclides da Cunha é a primeira obra significativa que se contrapõe a visão ufanista e ingênua do país. Além do valor literário já que Euclides da Cunha desmistificou o pensamento sobre a formação do homem brasileiro, vigente entre as elites do período, de que somente os brancos de origem européia eram legítimos representantes da Nação. Mostrou que não existe raça branca pura, mas uma infinidade de combinações multirraciais. A mestiçagem enfraquecia a raça e implicava uma falta de identidade, o que era considerado um problema para a concepção da idéia de nação. Para ele, o mestiço do litoral é degenerado. No caso do sertão, porém, considerou que só esse mestiço se adaptaria à região.

No entanto, diferentemente de Euclides da Cunha, Patativa do Assaré vê o sertanejo como um pobre vivente de sua própria história, ele narra, em verso e prosa, a saga do homem sertanejo e suas dificuldades para sobreviver às intempéries de uma terra seca, afastada da civilização e esquecida pelo poder público. Patativa, em seus belos versos, carregados de sentimentos, consegue dar vida e beleza ao sertão e aos seus habitantes que parecem, ao olhar seco do outro, sem vida e nem atributo algum. O poeta de Assaré, mesmo cego da visão física, consegue enxergar a beleza que existe na dor e no lamento, na vida e na morte, na desgraça e na esperança.

Patativa do Assaré se apropria da vida sertaneja por ser sua vivência nata. Em suas composições poéticas ele enaltece o homem sertanejo calejado da seca. O trecho da poesia de (ASSARÉ,1992,p.75): *“Canto a vida desta gente,/ Que trabaia intê morrê,/ Sirrindo, alegre e contente,/ Sem dá fé no padecê,/ Desta gente sem leitura,/ Que mesmo na desventura,/ Se sente alegre e feliz,/ Sem nada sabê na terra,/ Sem sabê que existe guerra/ De país contra país”*. Ele contempla e fica quase que extasiado ao descrever a beleza interior deste homem e o que ele é capaz de fazer. Sua visão do sertanejo se opunha a de Euclides da Cunha, pois Patativa do Assaré não comungava da tríade que o homem do sertão fosse um resultado do meio, raça e história.

Cunha vê o sertanejo como um homem qualquer, ou melhor, enxerga-o com lentes míopes: um desgraçado, raquítico, supersticioso, envergado, desengonçado, preguiçoso. Cunha também se contradiz e se surpreende ao ver que este sertanejo não é tão fraco como aparenta, não é tão apático: *“Entretanto, toda esta aparência de cansaço ilude”*. *“O homem transfigura-se”*. Cunha entende que no momento necessário aquele homem que se mostrou sem vida e sem força se torna um gigante e enfrenta desafios que certamente outra raça não enfrentaria: *“... e da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponto, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente, num desdobramento surpreendente de força e agilidade extraordinárias”* (CUNHA,1914, p. 80).

Inicialmente, a visão de Euclides da Cunha sobre o homem sertanejo, é preconceituosa; muitas expressões e comparações que depreciam a figura do sertanejo são encontradas em sua obra. Ao descrever o retrato do vaqueiro sertanejo do Norte e do vaqueiro gaúcho do Sul, vê-se uma discriminação depreciativa. *“O gaúcho do Sul, ao encontrá-lo nesse instante, sobreolhá-lo-ia comiserado.”* E acrescenta: *“O vaqueiro do Norte é sua antítese. Na postura, no gesto, na palavra, na índole, nos hábitos, não há como equipará-los.”* (CUNHA,1995,p. 132)

Tal maneira de conceber os fatos, as atitudes e os movimentos populares envolvidos na formação do homem sertanejo persistiu entre a intelectualidade nacional na perspectiva de identificar a representação social do homem sertanejo.

Por sentir-se oprimido, esquecido e desprovido de respeito e benevolência, o homem sertanejo pode ser visto como “jagunço”, o bandido, “miserável”, negro liberto, o branco pobre que nada sabia fazer economicamente e passa a realizar serviços de pouca valia. Acontece que no sertão todas as leis são injustas: a lei é a do senhor latifundiário. “A lei civilizada” é a ficção para uso e deleite dos intelectuais da elite, influenciados por estranhas “ciências” européias que o induz na sociedade brasileira do século XIX, que mestiços e pobres são uma raça inferior.” (CHIAVENATO, 1939, p.101).

No entanto, ao conviver um pouco com o sertanejo durante a guerra sangrenta de Canudos, e ao estudá-lo para melhor descrevê-lo, Euclides reconhece e faz jus à força e à coragem desse povo tão abandonado à própria sorte:

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral: A sua aparência, entretanto ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas, é desgracioso, desengonçado, torto. (CUNHA, 2002, p.48 )

Patativa, por sua vez, ao longo de toda a sua obra eleva o povo sertanejo, embora admita também que este povo é por demais ingênuo e cego, pois não é capaz de ver a origem de tanta desigualdade social: ... *Fica, o viúvo, coitado!./ De arma triste e dilurida./ Para sempre separado/ Do mio de sua vida./ Mas, porém, não percebeu/ Que a sua muié morreu./ Só por fartá um doto./ E, como nada conhece./ Diz, rezando a sua prece:/ Foi Deus que ditriminou!* (ASSARÉ,1992, p.77)

Ao contrário de Cunha, Patativa vê o sertanejo como um irmão, um povo feliz apesar das dificuldades geográficas, climáticas e até financeiras. Patativa eleva o sertanejo e o próprio lugar onde este nasceu, viveu, foi formado. “ *Canto a vida desta gente/ Que trabaia inté morrê/ Surrindo, alegre e contente./ Sem dá fé no padecê./ Desta gente sem leitura./ Que mesmo na desventura./ Se sente alegre e feliz./ Sem nada sabê na terra./ Sem sabê que existe guerra/ De país cronta país*” (ASSARÉ,1992,p.75). Ele contempla e fica quase que extasiado ao descrever a beleza interior deste homem e o que ele é capaz de fazer.

Torna-se assim, um paradoxo que dá origem a duas visões explicativas sobre a construção do homem sertanejo. Cunha fundamenta-se no indivíduo e em sua responsabilidade pessoal, Patativa concentra-se no sujeito, como que vislumbrando homens, cidadãos, pessoas que escreveram a sua história, com autenticidade, lutas, dores e, sobretudo com honra de ser sertanejo.

## REFERÊNCIAS

JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **A Invenção do Nordeste** : E Outras Artes. 4.ed. rev. São Paulo: Cortez, 2009.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**.26.Ed.São Paulo:Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Darcy.**O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**:Campanha de Canudos. 3.ed.São Paulo:Editora Martin Claret, 2002.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**: Campanha de Canudos.37. Ed.Rio de Janeiro: F. Alves, 1995.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**: Filosofia de um trovador Nordesteño.8.ed.Ceará:Editora Vozes, 1992.

ANDRADE. Cláudio Henrique Sales. **Aspectos e impasses da Poesia de Patativa do Assaré**. 2008.

VILLA, Marco Antonio. **Vida e morte no sertão**: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. SÃO PAULO: ÁTICA, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o Sertão**. 2.ed. Gráfica Manimbu, 1975.

CHIAVENATO, Júlio José. **As Meninas de Belo Monte**. São Paulo: Página Aberta, 1993.

JÚNIOR, Arnaldo Nogueira. Resumo biográfico e bibliográfico. Disponível na internet via [www.releituras.com/edacunha\\_bio.asp](http://www.releituras.com/edacunha_bio.asp) Arquivo capturado em 13 de dezembro de 2010.

ANDRADE, Carlos Henrique Sales. **Aspectos e Impasses da Poesia de Patativa do Assaré**. <[http://WWW.teses.usp.br/.../TESE\\_CLAUDIO\\_HENRIQUE\\_SALES\\_ANDRADE.pdf](http://WWW.teses.usp.br/.../TESE_CLAUDIO_HENRIQUE_SALES_ANDRADE.pdf)>(12.10.2010)

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Geografia e Literatura**: A poética dos cantos sertanejos de Patativa do Assaré. <[http://egal2009.easyplanners.info/area02/2004\\_%20Almeida\\_Maria%20Geralda%20Ode.pdf](http://egal2009.easyplanners.info/area02/2004_%20Almeida_Maria%20Geralda%20Ode.pdf)>(13.09.2010)